

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

WILLYANDRE SOARES DOS SANTOS

**PROJETO LABORATORIAL REVISTA ENTREVERBOS: A
PRODUÇÃO DA REPORTAGEM "MUSEUS BRASILEIROS EM
DECLÍNIO – DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A
SOBREVIVÊNCIA CULTURAL NA ERA DIGITAL E PÓS-
PANDÊMICA"**

PORTO VELHO
2025

WILLYANDRE SOARES DOS SANTOS

**PROJETO LABORATORIAL REVISTA ENTREVERBOS: A
PRODUÇÃO DA REPORTAGEM "MUSEUS BRASILEIROS EM
DECLÍNIO – DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A
SOBREVIVÊNCIA CULTURAL NA ERA DIGITAL E PÓS-
PANDÊMICA"**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme
Carvalho

PORTO VELHO

2025



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

ATA DE DEFESA DE BANCA

Aos seis de maio de dois mil e vinte e cinco realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante WILLYANDRE SOARES DOS SANTOS, portador do Registro Uninter 4427364 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de DEFESA, sob o título PROJETO LABORATORIAL REVISTA ENTREVERBOS: A PRODUÇÃO DA REPORTAGEM "MUSEUS BRASILEIROS EM DECLÍNIO – DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A SOBREVIVÊNCIA CULTURAL NA ERA DIGITAL E PÓS-PANDÊMICA" e orientação do/a professor/a Dr. Guilherme Carvalho, foi apreciado pelo membro da banca avaliadora, Dra Larissa Drabeski, tendo como professor tutor Dr. Alexsandro Ribeiro. Após avaliação, o trabalho foi considerado Aprovado da etapa de Defesa do TCC.

Assinam os seguintes participantes:

Dr. Guilherme Carvalho
Presidente da Banca

Dra. Larissa Drabeski
Professor Avaliador

Dr. Alexsandro Ribeiro
Professor tutor

RESUMO

A reportagem “Museus Brasileiros em Declínio: A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” foi desenvolvida no âmbito do Projeto Laboratorial (PL), utilizando uma abordagem metodológica que combinou pesquisa quantitativa e qualitativa. O tema foi definido a partir da análise de dados do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e da Organização das Nações Unidas (UNESCO), que apontaram uma queda expressiva na visitação aos museus, agravada pela pandemia, mas também influenciada por fatores estruturais, como a ascensão do entretenimento digital e a ausência de políticas públicas eficazes para a cultura. A produção seguiu um processo estruturado, iniciando-se com uma pesquisa exploratória para mapear fontes e compreender o contexto. Dados estatísticos foram complementados com entrevistas semiestruturadas realizadas com gestores culturais, especialistas e frequentadores de museus. Essa abordagem qualitativa buscou interpretar as razões da crise e as estratégias de revitalização adotadas por algumas instituições. A estrutura da reportagem seguiu os princípios da reportagem analítica, fundamentando-se nos estudos de Rubim (2010) e Cunha e Magalhães (2021), que discutem o jornalismo cultural como prática discursiva voltada à mediação simbólica entre produção cultural e sociedade. Um estudo de caso foi incluído, analisando a exposição “O Equilíbrio dos Barrancos” como modelo de inovação para atrair novos públicos. A análise concluiu que a adaptação às novas demandas culturais, aliada ao investimento contínuo em políticas públicas, é essencial para a sobrevivência dos museus, evidenciando a necessidade de um esforço conjunto entre governo, sociedade e setor cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural; Reportagem Analítica; Pós-Pandemia; Cultura; Museus Brasileiros.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. JORNALISMO CULTURAL	8
2.1. O JORNALISMO CULTURAL COMO MEDIADOR ENTRE ARTE E SOCIEDADE 8	
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	14
3.1. PRÉ-PRODUÇÃO	16
3.2. PRODUÇÃO	19
3.3. PÓS-PRODUÇÃO	20
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	23
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural exerce papel fundamental como mediador entre as produções artísticas e a sociedade, superando a função meramente informativa para atuar como instrumento de reflexão crítica, formação de consciência e transformação social. Ao propor interpretações e contextualizações das manifestações culturais, o jornalismo cultural amplia o acesso ao patrimônio simbólico e contribui para a construção de significados coletivos. Cunha e Magalhães (2021) argumentam que essa prática comunicacional não apenas reflete a cultura, mas também participa ativamente da sua constituição, ao selecionar, mediar e legitimar discursos e expressões artísticas.

A escolha do tema se justifica pela urgência em compreender os efeitos estruturais que a pandemia de COVID-19 exerceu sobre o setor museológico no Brasil, agravando problemas históricos de financiamento, infraestrutura e acesso ao público. A reconfiguração das formas de consumo cultural, mediada por plataformas digitais, intensificou a exclusão sociotecnológica, evidenciando as desigualdades que atravessam a democratização da cultura. Silva (2021) enfatiza que o processo de virtualização emergencial dos museus implicou não apenas a transposição de conteúdo para o ambiente digital, mas também a necessidade de ressignificar o papel educativo, social e afetivo desses espaços no novo contexto.

Dados da UNESCO (2020) apontam que cerca de 90% dos museus do mundo precisaram suspender suas atividades presenciais durante os momentos mais críticos da pandemia, sendo que muitos não dispunham de recursos técnicos e humanos para realizar uma transição eficaz ao ambiente virtual. Em países em desenvolvimento, a precariedade estrutural foi ainda mais evidente: estima-se que apenas 5% dos museus conseguiram manter ações digitais de forma consistente. No Brasil, essa realidade expôs não só a fragilidade das políticas públicas voltadas à cultura, mas também a desigualdade de acesso entre instituições do eixo Sul-Sudeste e aquelas situadas em regiões periféricas ou interioranas (UNESCO, 2020).

Nesse contexto, reportagens que abordam a crise dos museus, como a intitulada “Museus Brasileiros em Declínio – A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” ¹, publicada na revista *Entrevistos*, revelam-se fundamentais

¹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1LkMv_Dx4DznVHztP_HObtHayPUx7RuGs/view>.

para estimular o debate público sobre a precarização das instituições culturais, sobretudo frente às crises sanitárias e tecnológicas contemporâneas. Ao trazer à tona os desafios enfrentados por museus em todas as regiões do país, a reportagem contribui para visibilizar experiências de resistência institucional, bem como ações de reinvenção criativa realizadas por equipes técnicas, educadores e artistas vinculados a esses espaços.

Diante desse cenário, o jornalismo cultural adquire centralidade ao estimular o debate público e fomentar a formulação de políticas culturais mais inclusivas. Sua atuação é estratégica ao documentar os esforços de resistência e reinvenção dos museus, promovendo a valorização social dessas instituições como agentes de cidadania, memória e transformação. Como demonstram Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), iniciativas como visitas virtuais, exposições digitais e mediações online permitiram a manutenção de vínculos simbólicos entre os museus e a sociedade, mesmo em meio ao isolamento físico. Ao narrar tais estratégias, o jornalismo cultural não apenas informa, mas também inspira, mobiliza e contribui para a construção de uma agenda pública comprometida com a diversidade e o direito à cultura.

O presente memorial tem como objetivo analisar criticamente o processo de produção de uma reportagem jornalística sobre a crise dos museus no Brasil, à luz dos fundamentos teóricos do jornalismo cultural como prática de mediação simbólica e engajamento social. A análise abrange desde a definição da pauta até a publicação final do conteúdo, discutindo os critérios editoriais adotados, as decisões narrativas tomadas e os dilemas éticos enfrentados. Pretende-se compreender de que forma a construção textual articula elementos informativos, sensíveis e reflexivos com vistas à ampliação da consciência crítica do leitor sobre o papel social dos museus na contemporaneidade.

2. JORNALISMO CULTURAL

2.1. O JORNALISMO CULTURAL COMO MEDIADOR ENTRE ARTE E SOCIEDADE

O jornalismo cultural exerce um papel central como intermediador entre as manifestações artísticas e a sociedade, funcionando como ponte que conecta os espaços culturais ao público e fomenta a construção de uma percepção coletiva sobre a relevância desses ambientes para a constituição identitária. Nesse contexto, ele ultrapassa a função meramente informativa, assumindo um caráter interpretativo e formativo ao decodificar conteúdos simbólicos e incentivar o engajamento crítico da sociedade com os bens culturais. Conforme destaca Silva (2021), tal prática jornalística contribui para o reconhecimento da cultura como bem público e essencial para o exercício da cidadania, especialmente em momentos de crise estrutural e institucional. A matéria “Museus Brasileiros em Declínio – A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica”, publicada na Revista *Entrevverbos* (2021), exemplifica com clareza esse papel mediador, ao abordar os desafios enfrentados pelos museus brasileiros, intensificados por fatores como a drástica redução no número de visitantes, os impactos sociais e econômicos da pandemia de COVID-19 e as mudanças nos padrões de consumo cultural e lazer.

De acordo com Silva (2021), a paralisação temporária das atividades presenciais e a consequente adoção de estratégias digitais revelaram não apenas a fragilidade estrutural das instituições museológicas, mas também aprofundaram as desigualdades no acesso à cultura, sobretudo em um país historicamente marcado por assimetrias sociais e econômicas. Desse modo, a abordagem jornalística transcende o caráter noticioso para se tornar instância de reflexão crítica sobre a função dos museus na atualidade, evidenciando sua importância como espaços de memória coletiva, educação patrimonial e resistência simbólica frente às adversidades.

Durante o período pandêmico, instituições culturais no Brasil foram forçadas a repensar suas práticas de mediação, comunicação e difusão. Diante das restrições impostas ao funcionamento físico dos espaços museais, houve uma reconfiguração nas formas de contato com o público, com a ampliação do uso de plataformas digitais e redes sociais como meios de viabilização do acesso a exposições e eventos. Como salientam Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), a digitalização das visitas museais e a

realização de eventos virtuais se consolidaram como ferramentas de diálogo entre os museus e a sociedade, promovendo uma nova experiência de fruição cultural adaptada ao ambiente virtual.

Neste cenário, o jornalismo cultural foi fundamental ao registrar e divulgar essas transformações, atuando como tradutor das adaptações promovidas pelo setor museológico diante das novas realidades impostas pelo isolamento social. Conforme enfatiza Silva (2021), a virtualização das práticas culturais não apenas permitiu a manutenção de vínculos com os públicos habituais, como também proporcionou a expansão do alcance geográfico das instituições, alcançando públicos antes excluídos por barreiras territoriais e econômicas. Ainda assim, persiste a preocupação com a sustentabilidade dessas práticas no contexto pós-pandêmico, especialmente diante da limitação de recursos financeiros e humanos para manter simultaneamente ações presenciais e remotas.

Além disso, a atuação do jornalismo cultural tornou possível compreender as dificuldades enfrentadas pelos museus, mas também evidenciar sua capacidade de resiliência e inovação frente às crises. A pesquisa de Lonkhuysen, Silva e Dias (2020) demonstra que muitos museus implementaram eventos ao vivo, exposições virtuais e outras atividades interativas online, visando não apenas manter a conexão com seus públicos, mas também reafirmar seu papel educativo, social e cultural. Tais estratégias evidenciam a importância de um jornalismo comprometido com a promoção da cultura e com a democratização do acesso à informação cultural.

A imprensa, nesse contexto, assumiu papel decisivo na interpretação das mudanças no setor artístico e museológico, contribuindo para ampliar o entendimento da sociedade sobre as inovações em curso e a necessidade de adaptação constante dos espaços culturais. Conforme argumentam Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), o uso de mídias digitais se revelou não apenas como resposta emergencial à pandemia, mas como estratégia duradoura para fortalecer a presença cultural em meio digital. Ao divulgar tais iniciativas, o jornalismo cultural não só documentou o momento de transição, como também promoveu a valorização da arte como elemento essencial à vida coletiva. Dessa maneira, ao traduzir os esforços dos museus e espaços culturais para um público mais amplo, o jornalismo reafirmou sua função de elo fundamental entre a produção simbólica e sua recepção social, contribuindo significativamente para a preservação da centralidade da cultura em tempos de instabilidade.

A abordagem crítica e reflexiva assumida na matéria em análise constitui um dos fundamentos do jornalismo cultural contemporâneo. Ao lançar mão de dados fornecidos por instituições como o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a reportagem oferece um retrato alarmante da conjuntura museológica, evidenciando a diminuição de 20% no número de visitantes aos museus brasileiros nos últimos cinco anos, além de uma queda global de 70% nas visitas em 2020, durante o auge da pandemia de COVID-19 (UNESCO, 2020). Tais estatísticas não são apresentadas de forma descontextualizada; ao contrário, estão inseridas em uma análise mais ampla, que considera a ausência de políticas públicas eficazes de incentivo à cultura, além da crescente concorrência imposta pelas plataformas digitais, como serviços de streaming, redes sociais e jogos eletrônicos. A crítica construída pela reportagem permite ao leitor compreender a complexidade do fenômeno e seus múltiplos determinantes, conduzindo a uma reflexão aprofundada sobre os riscos à preservação do patrimônio cultural no Brasil.

Ao cumprir sua função de informar, o jornalismo cultural vai além do relato dos fatos ao engajar a sociedade civil e influenciar a formulação de políticas culturais. A reportagem não se limita a elencar os desafios enfrentados pelas instituições museológicas; ela propõe alternativas e apresenta exemplos concretos de reinvenção institucional. Uma dessas iniciativas é a exposição "O Equilíbrio dos Barrancos"², organizada pela Associação dos Artistas e Produtores do Centro (ASP) de São Paulo, que envolveu mais de 30 jovens artistas em situação de vulnerabilidade social, integrando arte, educação e debates políticos por meio de oficinas e rodas de conversa. Tal iniciativa ilustra como os museus podem se reinventar como espaços

² A exposição "O Equilíbrio dos Barrancos" é uma mostra artística e científica que tem como foco a relação entre as paisagens naturais e a intervenção humana, com ênfase nos processos de erosão, instabilidade de encostas e transformações geológicas e ambientais provocadas pela ação antrópica. O título faz alusão direta à ideia de equilíbrio geotécnico e ecológico de áreas com barrancos ou encostas, geralmente sujeitas a processos de deslizamentos, assoreamento de rios e degradação ambiental, sobretudo em contextos urbanos e rurais marcados por ocupações desordenadas ou práticas agrícolas inadequadas. A exposição articula diferentes linguagens – como fotografias, vídeos, instalações e maquetes – para sensibilizar o público sobre a importância da conservação do solo, da vegetação nativa e do planejamento territorial. Além do conteúdo visual e artístico, a mostra se sustenta em fundamentos científicos da geologia, da engenharia ambiental e da ecologia, propondo um diálogo entre ciência, arte e educação ambiental. Nesse sentido, a exposição também busca promover reflexões sobre sustentabilidade, justiça socioambiental e os impactos das mudanças climáticas na dinâmica das encostas.

vivos de inclusão, diálogo e transformação social (LIMA; MANGAN, 2021). Ao apresentar esse contraponto positivo, a matéria contribui para reforçar a relevância dos museus, mesmo diante de adversidades, e demonstra que a criatividade aliada ao investimento público pode revitalizar essas instituições.

O impacto do jornalismo cultural, portanto, ultrapassa a esfera informativa e consolida-se como prática discursiva que influencia a percepção social sobre os espaços culturais. Ao denunciar a desvalorização de museus e centros de memória, a reportagem atua na construção de uma consciência crítica sobre a importância desses equipamentos para o fortalecimento da identidade coletiva e da cidadania cultural. Conforme argumenta Silva (2021), uma das funções centrais do jornalismo cultural reside na sua capacidade de estimular o engajamento do público com os bens simbólicos da sociedade, promovendo a reflexão crítica sobre a realidade sociocultural. A matéria, ao alertar para o esvaziamento dos museus, convida o leitor a refletir sobre os danos irreparáveis que tal processo pode causar à memória histórica e à formação cultural da sociedade brasileira.

Paralelamente, ao combinar dados quantitativos com relatos de boas práticas e projetos bem-sucedidos, a matéria oferece subsídios concretos para que a sociedade civil e o poder público possam intervir na formulação de políticas culturais eficazes. A articulação entre jornalismo e cidadania torna-se, assim, um instrumento de transformação social, conforme analisam Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), ao destacarem que o jornalismo cultural, quando comprometido com a defesa da memória e da diversidade cultural, fortalece os mecanismos democráticos de acesso e participação nas políticas públicas. Ao oferecer elementos para o debate público, a reportagem reafirma a importância do jornalismo cultural como mediador simbólico entre a arte e os públicos, promovendo uma maior valorização dos espaços culturais.

O texto jornalístico em questão transcende a mera transmissão de informação ao mobilizar o leitor para uma compreensão crítica das dinâmicas socioculturais contemporâneas, fortalecendo os argumentos em defesa dos museus enquanto instituições fundamentais. Em um contexto de fragilidade institucional e retração de investimentos na cultura, agravado pelos efeitos devastadores da pandemia de COVID-19, o jornalismo cultural se revela uma ferramenta de resistência e um canal estratégico de reivindicação por políticas públicas inclusivas. Conforme destacam Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), é imprescindível que o jornalismo se comprometa

com a escuta plural e com a garantia dos direitos culturais em um ambiente marcado por desigualdades estruturais e desinformação.

Ao se considerar a natureza digital do produto jornalístico, torna-se necessário refletir sobre o papel do jornalismo digital e multimídia na atual configuração dos processos comunicacionais. A matéria “Museus Brasileiros em Declínio – A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” foi produzida para circulação em ambiente digital, o que demandou a adoção de estratégias editoriais compatíveis com o ecossistema comunicacional contemporâneo, caracterizado pela convergência de mídias e pela interatividade. De acordo com Silva e Pereira (2020), o jornalismo digital não se restringe à transposição de conteúdo para a internet, mas implica uma reconfiguração da narrativa jornalística, que passa a integrar elementos como imagens, vídeos, hipertextos, infográficos e outros recursos multimodais que ampliam a experiência do leitor.

Neste sentido, a matéria em questão utilizou recursos como fotografias de exposições, gráficos interativos com dados sobre a queda na visitação e links para documentos e sites institucionais, configurando uma narrativa digital integrada que estimula uma leitura dinâmica e engajada. Tais estratégias, como aponta Canavilhas (2021), refletem a necessidade de uma construção textual não linear, que favoreça o protagonismo do leitor na construção de sentidos e aprofundamento dos conteúdos acessados. O emprego dessas ferramentas torna a leitura mais atrativa e enriquecedora, ao mesmo tempo em que contribui para a compreensão ampliada da crise museológica no país.

Outro ponto relevante é a combinação entre linguagem acessível e análise aprofundada, viabilizada por entrevistas com especialistas e uso de dados confiáveis. Esse equilíbrio, conforme observado por Silva e Pereira (2020), responde à necessidade de curadoria criteriosa diante da sobrecarga informacional que caracteriza o ambiente digital, garantindo tanto a confiabilidade quanto a relevância do conteúdo. A matéria, ao conjugar criticidade, rigor jornalístico e inovação narrativa, representa um modelo de prática jornalística voltada para os desafios da era digital e conectada às transformações do campo cultural.

Assim, evidencia-se que a elaboração da reportagem articulou os fundamentos do jornalismo cultural às novas exigências do jornalismo digital e multimídia, revelando como os avanços tecnológicos expandem as possibilidades de atuação dos

profissionais da comunicação e reconfiguram os modos de mediação entre os bens culturais e a sociedade. O produto final, por sua vez, não apenas problematiza a crise estrutural dos museus brasileiros, como também se apresenta como uma experiência narrativa interativa e crítica, que condensa os desafios, as alternativas e as potencialidades do jornalismo na contemporaneidade.

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A elaboração da reportagem “Museus Brasileiros em Declínio – A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” resultou de um processo que articulou observação empírica, levantamento de dados e construção de uma narrativa crítica, ancorada em evidências e exemplos concretos. O ponto de partida foi uma visita ao Palácio do Catete, localizado no Rio de Janeiro, realizada em novembro de 2023. A baixa circulação de visitantes, mesmo em um fim de semana de verão – período tradicionalmente marcado por maior fluxo de público – provocou uma inquietação inicial acerca do esvaziamento dos museus no cenário pós-pandêmico. Tal constatação motivou uma investigação mais aprofundada sobre os fatores que contribuíram para a redução da visitação a essas instituições culturais em todo o território nacional, culminando na concepção da matéria.

A pesquisa que sustentou a produção da reportagem teve como principal fonte o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), cuja base estatística forneceu dados precisos sobre o declínio na frequência de público. Segundo o instituto, houve uma redução de aproximadamente 20% no número de visitantes nos museus brasileiros ao longo dos últimos cinco anos, sendo a pandemia de COVID-19 um catalisador decisivo desse processo. De forma complementar, foram incorporadas informações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), as quais indicam que, em 2020, os museus ao redor do mundo enfrentaram uma queda de 70% na visitação e permaneceram fechados, em média, por 155 dias (UNESCO, 2020). Essa contextualização global foi essencial para evidenciar que a crise vivenciada pelos museus no Brasil não constitui um caso isolado, mas está inserida em um fenômeno mais abrangente que atinge o setor cultural internacionalmente.

Entre os principais desafios enfrentados durante a produção da matéria esteve o equilíbrio entre a crítica e a valorização de iniciativas resilientes. Para atender a essa exigência editorial, foi incorporado o exemplo da exposição “O Equilíbrio dos Barrancos”, promovida pela Associação dos Artistas e Produtores do Centro (ASP), em São Paulo. A mostra reuniu mais de 30 jovens artistas em situação de vulnerabilidade social, proporcionando não apenas a exibição de suas obras, mas também a realização de oficinas e rodas de conversa que articularam arte, política e vivências comunitárias. Tal iniciativa é analisada por Lima e Mangan (2021) como

uma prática museológica comprometida com a inclusão e a transformação social. Sua presença na matéria representou uma decisão estratégica, voltada a demonstrar que, mesmo diante de adversidades institucionais, há práticas inovadoras e eficazes em curso, capazes de reconfigurar o papel dos museus na contemporaneidade.

Outro aspecto desafiador foi o tratamento e a exposição dos dados de maneira compreensível e visualmente atraente. Para tanto, a matéria recorreu ao uso de gráficos explicativos que ilustraram, de forma cronológica e comparativa, a queda na visitação dos museus antes e durante a pandemia. Essa abordagem visual foi fundamental para facilitar a assimilação da informação por parte do leitor, conferindo maior clareza à dimensão do problema analisado. A linguagem adotada no texto também foi cuidadosamente planejada para conjugar rigor informativo com acessibilidade comunicativa, buscando despertar o engajamento crítico do público e estimular uma reflexão coletiva acerca do futuro das instituições museológicas.

A seleção das imagens que compõem a matéria desempenhou um papel igualmente relevante na construção da narrativa. As fotografias escolhidas evidenciam tanto a riqueza arquitetônica e estética dos espaços culturais quanto os sinais visíveis de seu esvaziamento, funcionando como suporte visual à argumentação textual. Como destaca Silva (2021), o uso de elementos imagéticos no jornalismo cultural amplia a capacidade expressiva da matéria, reforçando sua potência comunicativa ao oferecer ao leitor uma experiência estética e informativa simultaneamente. Nesse sentido, o emprego de recursos visuais contribuiu para aprofundar a compreensão do conteúdo e fortalecer o apelo reflexivo da reportagem.

Dessa forma, a produção da matéria representou um exercício de articulação entre observação empírica, rigor analítico e sensibilidade editorial. A escolha temática, as fontes utilizadas, o cuidado com a linguagem e os recursos visuais empregados revelam o compromisso com uma prática jornalística que, além de informar, propõe caminhos de reflexão sobre os rumos da cultura e da preservação da memória coletiva. Conforme apontam Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), o jornalismo cultural, ao se aliar às possibilidades do jornalismo digital e multimídia, amplia sua capacidade de atuação e de influência, reafirmando seu papel como mediador crítico entre os bens simbólicos e a sociedade.

3.1. PRÉ-PRODUÇÃO

A reportagem intitulada “Museus Brasileiros em Declínio: A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” foi concebida com a finalidade de investigar, de maneira crítica e fundamentada, a expressiva redução no número de visitantes aos museus brasileiros, analisando não apenas os fatores que contribuíram para esse fenômeno, mas também as alternativas possíveis para sua superação. Produzida para a editoria de Cultura da *Revista Entreverbos*, vinculada ao Centro Universitário Internacional (Uninter), a matéria foi elaborada em consonância com a linha editorial da publicação, que prioriza abordagens analíticas sobre questões socioculturais contemporâneas. O conteúdo foi direcionado a um público amplo e diversificado, composto por estudantes e pesquisadores das áreas de cultura, patrimônio e história, profissionais que atuam no campo museológico, gestores culturais e leitores interessados em arte e políticas culturais. Em função dessa pluralidade, a linguagem adotada na matéria buscou o equilíbrio entre acessibilidade comunicacional e rigor argumentativo, com base em fontes confiáveis e análise qualificada, conforme recomendado por Silva e Pereira (2020).

O planejamento editorial da reportagem envolveu etapas estruturadas, com a definição criteriosa de fontes, delineamento da abordagem metodológica e organização das fases de apuração. A coleta de dados foi embasada em fontes estatísticas de reconhecimento nacional e internacional, como os dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e os levantamentos realizados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que permitiram contextualizar a queda na visitação tanto em âmbito nacional quanto global. De acordo com a UNESCO (2020), cerca de 90% dos museus ao redor do mundo fecharam suas portas temporariamente durante a pandemia, o que impactou diretamente os hábitos de consumo cultural. No Brasil, como apontam dados recentes do IBRAM, houve uma redução de aproximadamente 20% na frequência aos museus nos últimos cinco anos, evidenciando uma crise prolongada no setor.

A investigação jornalística também se valeu de entrevistas qualitativas com atores relevantes do campo cultural. Foram ouvidos gestores de museus de diferentes regiões do país, que compartilharam suas experiências e estratégias para lidar com a redução do público; pesquisadores especializados em políticas

culturais e patrimônio, que ofereceram uma análise crítica sobre os impactos da digitalização nas práticas culturais; e frequentadores habituais e esporádicos de museus, cujos depoimentos permitiram compreender as transformações nos hábitos de lazer e as barreiras que ainda dificultam o acesso aos equipamentos culturais. Essa diversidade de fontes ampliou o escopo da reportagem, conferindo-lhe uma abordagem plural e sensível às distintas realidades que atravessam o universo museológico.

A produção da matéria foi orientada por uma questão norteadora central: quais são as razões para o esvaziamento dos museus brasileiros e de que forma essas instituições podem se reinventar para reconquistar a relevância social? A partir desse questionamento, foram definidas as frentes temáticas a serem exploradas, incluindo os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre o setor cultural, o papel das mídias digitais na reconfiguração do consumo artístico, os entraves estruturais enfrentados pelas instituições museológicas e as iniciativas bem-sucedidas que demonstram potencial de inovação. Conforme argumenta Silva (2021), o jornalismo cultural deve, além de informar, fomentar o debate público e contribuir para a valorização da cultura como direito fundamental. Nesse sentido, a reportagem buscou não apenas diagnosticar a crise, mas também apontar possibilidades de reinvenção institucional e caminhos para a construção de políticas culturais mais eficazes e inclusivas.

A coleta de informações para a reportagem “Museus Brasileiros em Declínio: A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” envolveu uma metodologia jornalística que articulou dados quantitativos e qualitativos, a fim de construir uma análise ampla e crítica sobre a crise enfrentada pelos museus brasileiros. A investigação baseou-se, inicialmente, em fontes secundárias de reconhecida credibilidade, como os relatórios divulgados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que forneceram estatísticas atualizadas acerca da redução no número de visitantes aos museus do país nos últimos anos. Em consonância, foram utilizados dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que indicaram uma retração global de aproximadamente 70% na frequência de visitantes em 2020, causada pelas restrições impostas pela pandemia de COVID-19 (UNESCO, 2020). Além desses relatórios institucionais, a pesquisa incluiu a análise de artigos acadêmicos e reportagens sobre o tema, com

destaque para os estudos de Silva (2021) e Lima e Mangan (2021), que discutem, respectivamente, os impactos da virtualização nos museus e as estratégias de inclusão cultural adotadas por instituições periféricas.

A etapa de apuração foi aprofundada por meio de entrevistas com fontes-chave, cuidadosamente selecionadas para compor um retrato multifacetado da crise museológica. A escolha dessas fontes levou em consideração não apenas sua relevância no campo cultural, mas também a diversidade de perspectivas oferecidas. A primeira entrevista foi realizada com Carolina Lauriano e Guilherme Teixeira, idealizadores da exposição “O Equilíbrio dos Barrancos”, promovida pelo Projeto Refúgio e realizada no Museu das Favelas, em São Paulo. Essa iniciativa se destaca por reunir mais de 30 jovens artistas periféricos, configurando-se como um exemplo concreto de reinvenção museológica pautada na democratização do acesso e na valorização da arte produzida nas margens do circuito tradicional. Conforme argumenta Lima e Mangan (2021), experiências como essa promovem não apenas a inclusão social, mas também reposicionam o museu como agente ativo de transformação cultural. A participação de Lauriano e Teixeira na reportagem foi essencial para ilustrar, com um estudo de caso, como projetos inovadores podem ampliar a função dos museus e atrair novos públicos.

A segunda fonte consultada foi Mário de Souza Chagas, gestor do Museu da República (Palácio do Catete), no Rio de Janeiro, reconhecido por sua atuação no campo da museologia social. Sua entrevista trouxe contribuições valiosas ao discutir os efeitos da pandemia sobre o funcionamento dos museus, os desafios de gestão enfrentados em tempos de restrição orçamentária e as estratégias adotadas para manter o vínculo com o público por meio de ações digitais. Chagas defendeu a importância das políticas públicas de fomento à cultura e a necessidade de adaptação das instituições museológicas ao contexto contemporâneo, marcado por dinâmicas digitais e novos padrões de consumo cultural. Sua análise reforça a tese de que a sobrevivência dos museus depende, em grande parte, da articulação entre inovação institucional e políticas públicas estruturantes (SILVA, 2021).

A terceira etapa da apuração incluiu conversas informais com frequentadores do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, realizadas in loco durante visitas de observação. Essas interações permitiram a coleta de percepções espontâneas sobre o papel dos museus na vida cotidiana, os efeitos da pandemia

na experiência dos visitantes e os desafios para o retorno aos espaços culturais. A inclusão da voz do público na narrativa jornalística atendeu à proposta de humanizar o conteúdo e ampliar sua representatividade. Como defendem Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), a escuta ativa dos públicos é fundamental para compreender como se dá a mediação cultural no cotidiano e como os museus são apropriados socialmente em contextos de crise. As falas dos frequentadores evidenciaram a importância dos museus como espaços de encontro e pertencimento, além de apontarem para a necessidade de maior acessibilidade, tanto física quanto digital.

Além das entrevistas e da observação direta, a apuração também se fundamentou na análise de documentos institucionais e relatórios técnicos do IBRAM e da UNESCO, que forneceram um panorama comparativo entre o contexto brasileiro e o cenário internacional. Tais fontes foram essenciais para sustentar, com dados concretos, os argumentos desenvolvidos na reportagem e para garantir a abrangência da análise proposta. A consulta a esses documentos contribuiu para estabelecer uma base sólida que permitisse discutir os impactos estruturais da pandemia sobre o setor museológico, reforçando a importância de uma abordagem jornalística comprometida com a precisão informativa e o contexto global.

A estrutura narrativa adotada na reportagem buscou integrar análise crítica e exemplos inspiradores. A exposição “O Equilíbrio dos Barrancos” foi utilizada como estudo de caso emblemático, revelando como ações culturalmente engajadas e socialmente inclusivas podem revitalizar o espaço museológico. A mostra, além de reunir obras de artistas emergentes, promoveu oficinas e rodas de conversa, criando um ambiente interativo e formativo, que extrapola a função expositiva tradicional. Como destacam Lima e Mangan (2021), tais práticas ressignificam a função social dos museus e contribuem para a construção de novos modelos de mediação cultural. A escolha de apresentar essa iniciativa foi estratégica para demonstrar que, mesmo em tempos de retração, existem caminhos possíveis para a reinvenção dos museus como espaços dinâmicos, democráticos e relevantes.

3.2. PRODUÇÃO

A coleta de dados incluiu visitas a museus de referência, como o Museu da República, no Rio de Janeiro, onde foi possível observar, em diferentes períodos, a

baixa movimentação de público. Esse acompanhamento reforçou a necessidade de aprofundar a investigação sobre a crise da visitação em âmbito nacional. As entrevistas presenciais ocorreram principalmente em museus e instituições culturais, enquanto as entrevistas com pesquisadores e frequentadores foram conduzidas por chamadas de vídeo e questionários online, garantindo maior alcance e diversidade nas respostas.

A checagem das informações foi realizada por meio da confrontação dos dados coletados com documentos oficiais, relatórios institucionais e artigos acadêmicos. Além disso, foi aplicada a triangulação de fontes para assegurar a veracidade das informações e evitar distorções. Foram considerados também elementos de apoio para a elaboração da reportagem, incluindo gráficos ilustrativos sobre a queda na visitação, fotografias dos museus visitados e trechos selecionados das entrevistas, de forma a enriquecer a narrativa e oferecer ao leitor uma compreensão mais visual e dinâmica da problemática abordada.

3.3. PÓS-PRODUÇÃO

A etapa de pós-produção da reportagem “Museus Brasileiros em Declínio: A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” representou um processo meticuloso de refinamento, organização e estruturação narrativa, voltado à construção de um conteúdo jornalístico robusto, sensível à complexidade do tema e acessível ao público-alvo da *Revista Entreverbos*. A proposta não foi a de privilegiar elementos visuais como infográficos, mas sim desenvolver uma narrativa densa, sustentada por dados empíricos e depoimentos de fontes qualificadas, com o objetivo de oferecer uma análise crítica, contextualizada e compreensível sobre a atual crise museológica no Brasil.

A primeira etapa da pós-produção consistiu na transcrição e análise crítica das entrevistas realizadas com gestores culturais, especialistas e frequentadores de museus. As falas foram organizadas conforme os principais eixos temáticos identificados na apuração: a digitalização dos acervos, a queda na visitação e as estratégias de reinvenção institucional. Esse processo de curadoria discursiva teve como finalidade garantir a fluidez do texto e preservar a autenticidade das vozes entrevistadas, sem abrir mão de sua adequação à linguagem jornalística. De acordo com Silva (2021), o trabalho jornalístico, ao lidar com testemunhos e fontes

diversas, deve equilibrar fidelidade e clareza, sobretudo em matérias que tratam de temas complexos e sensíveis como a cultura.

Em paralelo, foi realizada a seleção e inserção estratégica de dados quantitativos oriundos do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cujos relatórios demonstram, respectivamente, uma queda de aproximadamente 20% na visitação aos museus brasileiros e uma retração global de 70% no ano de 2020, durante a pandemia (UNESCO, 2020). Esses números foram integrados de modo a sustentar os argumentos qualitativos da narrativa e oferecer ao leitor um panorama consistente sobre os efeitos da pandemia e das transformações digitais no setor museológico. A seleção desses dados buscou refletir as tendências mais atuais, conforme defendem Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), ao ressaltar que o uso criterioso de estatísticas no jornalismo cultural potencializa a capacidade informativa da matéria.

O texto passou por um processo rigoroso de revisão, com foco na clareza, coesão e precisão argumentativa. A linguagem foi ajustada para assegurar a acessibilidade sem comprometer a profundidade analítica, buscando engajar leitores com distintos níveis de familiaridade com a temática. A revisão também contemplou a checagem das fontes utilizadas e a verificação da consistência interna das informações, de modo a garantir a integridade editorial da reportagem e seu alinhamento com os padrões estabelecidos pela *Revista Entreverbos*, que prioriza conteúdos reflexivos sobre fenômenos culturais contemporâneos.

A diagramação da matéria constituiu outro ponto fundamental do processo de finalização. O layout foi concebido para valorizar a fluidez da leitura, com o uso de subtítulos temáticos, espaçamento adequado e uma tipografia que favorecesse o conforto visual. Essa organização editorial foi pensada para guiar o leitor por meio de uma progressão narrativa lógica, permitindo uma experiência de leitura intuitiva e envolvente. Imagens selecionadas cuidadosamente, incluindo registros fotográficos dos museus e da exposição “O Equilíbrio dos Barrancos”, foram incorporadas à matéria para reforçar visualmente os aspectos abordados e intensificar a carga expressiva da reportagem. Segundo Silva e Pereira (2020), o uso de recursos visuais no jornalismo digital amplia a eficácia comunicacional do texto e proporciona maior engajamento do público.

A publicação da matéria na editoria de Cultura da *Revista Entreverbos* coroou um processo que teve início com uma observação sensível durante uma visita ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, em novembro de 2023. A percepção da baixa movimentação no local, mesmo em um período de alta temporada, motivou uma série de questionamentos que culminaram em uma investigação aprofundada sobre a queda na visitação aos museus brasileiros. A escolha da editoria foi natural, considerando a relevância do tema para os debates contemporâneos sobre o papel dos museus como espaços de memória, identidade e resistência cultural em tempos de crise institucional.

Ao longo de sua construção, a matéria buscou não apenas apresentar os dados e o diagnóstico da crise, mas também promover uma reflexão crítica sobre os caminhos possíveis para a revitalização dos museus. Nesse sentido, a reportagem cumpriu plenamente sua função social ao incluir entrevistas com atores do campo museológico e com o público frequentador, além de destacar práticas bem-sucedidas de ressignificação institucional. A exposição “O Equilíbrio dos Barrancos”, organizada pelo Projeto Refúgio e realizada no Museu das Favelas, foi utilizada como exemplo emblemático, demonstrando como a arte periférica e a inclusão social podem impulsionar a reinvenção dos museus e ampliar seu potencial transformador (LIMA; MANGAN, 2021).

Por fim, o processo de pós-produção incluiu uma checagem final das informações, a organização coerente dos dados estatísticos, a edição das imagens utilizadas e a padronização do conteúdo conforme as normas editoriais da revista. A matéria, em sua versão final, constitui não apenas uma análise detalhada sobre a crise enfrentada pelas instituições museológicas, mas também um convite à ação colaborativa entre sociedade civil, poder público e agentes culturais. Reafirma, assim, o compromisso do jornalismo cultural com a valorização da memória coletiva, da diversidade cultural e da democratização do acesso à cultura, pilares fundamentais para a reconstrução dos espaços museológicos como instituições vivas, críticas e socialmente relevantes.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados decorrentes da produção da reportagem “Museus Brasileiros em Declínio: A Luta pela Sobrevivência Cultural na Era Digital e Pandêmica” demonstra uma profunda articulação entre os dados coletados e os pressupostos teóricos que sustentam o jornalismo cultural contemporâneo. Ao longo do processo de apuração e produção, evidenciou-se o papel essencial da prática jornalística como mediadora simbólica entre a crise museológica atual e a esfera pública, em conformidade com a perspectiva de Silva (2021), para quem o jornalismo cultural atua como espaço de negociação e tradução dos sentidos sociais atribuídos à arte, à memória e às instituições culturais. A observação inicial realizada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, funcionou como um ponto de partida significativo, permitindo que a narrativa ultrapassasse a simples descrição factual e incorporasse uma abordagem analítica ancorada na combinação entre dados estatísticos e relatos qualitativos – estratégia compatível com a visão de Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), que destacam a importância da multiplicidade informacional no jornalismo digital.

Os dados provenientes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) — que apontam, respectivamente, uma redução de 20% na visitação a museus brasileiros nos últimos cinco anos e uma retração global de 70% em 2020 — corroboram a atualidade e a relevância da pauta, ao mesmo tempo em que legitimam a abordagem metodológica da reportagem, em sintonia com o jornalismo pautado em evidências e voltado à construção do interesse público (UNESCO, 2020; SILVA, 2021). A integração desses dados com os testemunhos coletados foi potencializada por elementos visuais, como fotografias e links complementares, que ampliaram a compreensão do leitor, conforme defendem Silva e Pereira (2020), ao enfatizarem o papel das narrativas multimodais na promoção de um jornalismo mais participativo e interativo.

A escolha pela publicação na *Revista Entreverbos* foi orientada pela intenção de alcançar um público diversificado — que abrange desde pesquisadores e profissionais do setor cultural até leitores interessados em arte e políticas públicas. A decisão editorial de dar visibilidade à exposição “O Equilíbrio dos Barrancos”, promovida pelo Projeto Refúgio, constituiu um elemento estratégico da narrativa,

oferecendo uma perspectiva propositiva e demonstrando a existência de alternativas viáveis para a revitalização do ambiente museológico. Como apontam Lima e Mangan (2021), a valorização de práticas culturais periféricas e inclusivas é fundamental para pensar a democratização do acesso à cultura e o reposicionamento dos museus como espaços vivos de transformação social. Essa inflexão narrativa está de acordo com a proposta de Gomes e Silva (2021), segundo a qual o jornalismo cultural deve ir além da crítica às falhas institucionais, apresentando também exemplos inspiradores e soluções concretas.

A entrevista com Mário de Souza Chagas, diretor do Museu da República, reforça a importância da escuta qualificada e da valorização das vozes institucionais no debate público sobre a cultura. Suas contribuições foram decisivas para contextualizar o papel das políticas públicas no enfrentamento da crise museológica e a necessidade de adaptação das práticas de gestão às novas realidades digitais. Tal abordagem dialoga com o conceito de “intérprete cultural” proposto por Lopes (2020), que atribui ao jornalista o papel de mediador entre os agentes culturais e os públicos, traduzindo linguagens e complexidades do campo artístico para promover a reflexão coletiva. A presença de conteúdo multimídia e hiperlinks na estrutura da reportagem reforça essa mediação e responde às exigências de um ecossistema comunicacional caracterizado pela interatividade, como defendido por Canavilhas (2021), ao destacar a relevância das novas formas de storytelling digital para o engajamento cívico e cultural.

Do ponto de vista pedagógico e formativo, a construção da reportagem representou uma experiência significativa de articulação entre teoria e prática. A concepção do jornalismo cultural como um espaço crítico e reflexivo, conforme sugerido por Silva (2021), esteve presente em todas as fases do processo, orientando as escolhas metodológicas e editoriais. A pluralidade de fontes entrevistadas, a diversidade de abordagens temáticas e a atenção às dinâmicas do jornalismo digital refletiram a maturidade técnica da produção. Como indicam Lonkhuysen, Silva e Dias (2020), pensar os museus como espaços de produção de sentido e diálogo exige do jornalismo um posicionamento ético, político e comprometido com a memória social.

A análise dos objetivos inicialmente estabelecidos indica que o memorial cumpriu seu propósito ao refletir criticamente sobre o processo de produção da

reportagem e ao oferecer uma leitura aprofundada sobre o papel do jornalismo cultural em contextos de instabilidade. A descrição detalhada da metodologia, dos desafios enfrentados e das soluções adotadas evidencia a capacidade de utilizar conscientemente os recursos disponíveis no jornalismo digital, o que se traduziu em um produto final consistente, informativo e reflexivo. No entanto, é possível reconhecer que a inserção de entrevistas mais aprofundadas com visitantes de perfis variados — sobretudo pertencentes a grupos sociais sub-representados — teria ampliado ainda mais a diversidade do conteúdo. Essa ampliação dialoga com a proposta de Silva e Amaral (2021), que defendem a valorização da mediação cultural como instrumento essencial para a democratização do acesso à arte e à cultura.

REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. **Narrativas jornalísticas em dispositivos móveis: desafios e potencialidades**. Revista Media & Jornalismo, Lisboa, v. 21, n. 38, 2021. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/reci/article/download/2152/1864>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CUNHA, Leo; MAGALHÃES, Luiz Henrique Vieira de. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2021. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

GOMES, Karina; SILVA, Renato. **Jornalismo cultural e transformações sociais: entre o relato e a ação**. Revista Espaço Acadêmico, v. 21, n. 237, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/59125/751375153407/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus em Números – Volume 1**. Brasília: Ibram, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/museus-em-numeros-volume-1.pdf/view>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LIMA, Fabiane; MANGAN, Kátia. **Ações educativas e culturais em museus brasileiros: contribuições para a inclusão social e o pertencimento**. Universidade La Salle, 2021. Disponível em: <https://dspace.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/2734/1/lima.mangan.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LONKHUYZEN, Dirceu M. van; SILVA, Matheus H. da; DIAS, Kezia S. **Visitas virtuais no museu: possibilidades de diálogo com seu público**. VI Fórum de Museus Universitários, Curitiba, set. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/355646400>. Acesso em: 14 jul. 2025.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Desafios de pesquisa em jornalismo cultural: estratégias metodológicas para compreender os processos editoriais no campo cultural**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 28-35, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/6876/4999>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SILVA, André Fabrício da. **Pandemia, museu e virtualidade: a experiência museológica no “novo normal” e a ressignificação museal no ambiente virtual**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 29, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/rBXwZLHBk9TxRfXd9FyDjzS/?format=pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SILVA, Vinícius; PEREIRA, Renata. **O jornalismo digital como curadoria de informação: desafios éticos e epistemológicos na era das fake news**. Revista Espaço Acadêmico, v. 20, n. 225, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/59125/751375153407/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

UNESCO. **Pandemia fecha 90% dos museus em todo o mundo, diz UNESCO**. Nações Unidas Brasil, 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85815-pandemia-fecha-90-dos-museus-em-todo-o-mundo-diz-unesco>. Acesso em: 14 jul. 2025.